

(8) Síntese e conclusão

...porque tu me asseguraste que sabias muitas e belas coisas sobre Homero, afirmando que o demonstrarias; e afinal enganas-me, pois estás muito longe de o demonstrar. Pois, tu nem mesmo me queres falar sobre as coisas a respeito das quais afirmas ser especialista, apesar de toda a minha insistência anterior.

A conclusão de Sócrates abrange todos os que estão situados entre o "Sábio" ignorante ou vigarista, oportunista consciente, *injusto ou culpado*, e o néscio ou tolo, o *homem divino*. Parece-nos ser este o significado da escolha dada pelo filósofo. Tanto uns, como outros, como aqueles que estão entre eles, serão analfabetos em questões de Arte, e, tanto uns como outros, de nenhum modo serão capazes de reconhecer a sua falha no *saber*, ou a sua incompetência no assunto.

Quem não possui uma técnica não está capacitado para conhecer bem o que se diz, ou se faz, no domínio dessa técnica.

[*A tese do senso comum - o espírito de corpo*]

Desejas ser reconhecido como um homem injusto ou como divino – será muito mais belo ser reconhecido como divino.

[*Sensibilidade, observação, experimentação... uma reflexão dialéctica*]

A lição de Platão, a sua conclusão e mensagem nesta obra de Arte, é de actualidade eterna e afirmativa, pois na verdade, aqui encontra o homem os limites da sua razão: pois, quando incapaz de alcançar ou de conhecer e explicar, por uma técnica ou conhecimento, o homem comum, néscio, pateta, ou apenas oportunista, e muito mais este último, saberá sempre por uma *inspiração divina*, incorporando-se num *espírito* em voga, moda, ou num *senso comum* que lhe esteja mais à mão, envolvendo-se naquela cadeia de anéis magnéticos que seja mais conveniente aos seus fins, enquanto que, o homem que reconhece bem as suas limitações, que só sabe que nada sabe, continuará a procurar saber.

O *Íon* de Platão surge também como uma obra de Filosofia (da dialéctica) exemplar, considerando não apenas o que já foi exposto, mas porque além do tratamento do tema do texto, o *espírito de corpo*, e dos conteúdos desenvolvidos, a *análise e avaliação do objecto de Arte*, e uma primeira *classificação das Artes*, e de definir os *elementos constituintes do objecto de Arte*, apresenta ainda, e define de um modo *implícito mas muito eficaz*, o próprio processo dialéctico do autor, num processo criativo que se representa (e figura) no diálogo entre duas personagens (dois caracteres) dotados de pensamento e sentir próprio, ambos diferentes do autor, de uma forma muito simples e magistral.

Epílogo

No *Íon*, como em *Hípias* e em muitas outras obras, o trabalho *técnico* de Platão consistiu em criar uma *reprodução da realidade*, um objecto figurativo, uma *encenação* apresentada como uma recordação (o *recordar* – *Fedro*), criando uma *realidade de facto* com a *matéria* que se reconstitui na obra, o que será dramatizado como uma *realidade viva* bem integrada na realidade do seu tempo, do tempo considerado na obra, e que, com a obra, constitui para nós, para os leitores, a *realidade material*. Esta realidade, depois de transposta para o texto escrito, resulta na imagem do *discurso vivo* de que fala no *Fedro*.

Assim, num sentido actual, a *encenação* converte-se num *modelo da realidade*, de tal modo que o desenvolvimento do diálogo entre os intervenientes se confronta com a realidade assim criada. Esta realidade, a *realidade material*, ou *discurso vivo*, como é uma *reprodução* da própria realidade, não está isolada do seu meio físico e social, nem do seu tempo e da sua memória, da sua história, por isso Platão cria um prólogo onde estabelece o tempo histórico, o lugar, o contexto, as circunstâncias do encontro, os intervenientes, o tema, as motivações para a *acção dramática*, tudo o que em suma, numa visão mais restrita, designámos por tempo, lugar e acção.

As acções e reacções, o pensamento e o sentir dos intervenientes, serão assim confrontados com aquela *realidade viva*, e será, ao mesmo tempo, a resultante para si próprios, daquela mesma *realidade viva* na qual os interlocutores se integram.

Uma referência muito importante em cada obra deverá ser o tempo. Não o tempo em que a peça, o texto, foi escrito, pois terá sido desde o seu início, e até ao fim dos dias do seu autor, retocado ou até reformulado, mas o tempo histórico que ficou assinalado em cada obra, no próprio texto da obra, como o tempo histórico em que se passa aquele mesmo diálogo, o tempo em que se desenrola a *acção dramática*. Este tempo pode ser dado pelos intervenientes, pela época em que viveram, como pelos acontecimentos por eles referidos na obra, etc.. Pois o texto escrito serve sobretudo para recordar ao seu autor o que ele terá semeado.

Este tempo torna-se demasiado importante para nós, para podermos ordenar as suas obras numa sequência didáctica, que com certeza terá sido criada pelo autor, que não será necessariamente a mesma sequência em que os textos foram escritos.

O nível da *dialéctica*, e do *Belo* (da *Arte*) para Platão atinge-se pelo estabelecer de todas as hipóteses que, depois de terem atingido a objectividade (uma parte da essência), ultrapassando o nível do racional, ainda que contraditórias, ou na sua aparência absurdas, consigam resistir à prova do seu confronto com a realidade da vida e do ser social resolvendo conflitos e contradições. No movimento de ascensão, serão anuladas todas aquelas hipóteses que não resistam à prova no seu confronto com a realidade material, e portanto, com a realidade social e histórica da vida humana. Assim, aquelas hipóteses que resolvem as suas contradições, ou o seu conflito objectivo, no confronto com a realidade da vida humana, social e

histórica, estão em condições de, numa síntese dessas hipóteses na mente do ser pensante, se realizarem numa clarividência para o sujeito que as analisa, que estará então em condições de reestruturar todo o seu conhecimento.

Para Platão, a dialéctica é, portanto, a resolução dos conflitos lógicos e das ideias pelo seu confronto com a realidade da vida, da inteligência humana (o inteligível) com a realidade humana, social e histórica, material.

Assim, nos seus textos, o desenvolvimento do diálogo entre os intervenientes deve ser confrontado com a *realidade de facto*, para assim se aferir e tornarem evidentes as ideias que se expressam em cada um dos argumentos, no seu processo de ascensão à verdade, ao saber, ou ao Belo.

É um processo dinâmico, onde o saber e a verdade se atingem em último caso, não pelos argumentos da razão, pelo racional, mas pela resolução dialéctica dos conflitos. É um processo criativo, ou talvez melhor, é o processo criativo, porque é o mesmo que se processa na Arte, para atingir o Belo. É o mesmo processo que qualquer artista encara na criação das suas obras. É um regresso temporário e sempre constante, aos mais baixos níveis do conhecimento (na *linha dividida na vertical*), é uma necessidade indispensável, para refazer ou recriar argumentos e trabalhar novas hipóteses (ainda que possam parecer disparates), um regressar ao nível dos desejos, do sensível, do racional, e voltar a ultrapassar todos esses níveis.

É também o que Platão faz, e por isso surge quase sempre o pintor, ou o poeta, o artista, no mundo sensível, mutável, para depois no diálogo poder ascender, com ele (o homem, ser social, autor, criador, artista, poeta, filósofo), ao patamar mais alto da *linha dividida na vertical*, porque as actividades criadoras, artísticas ou filosóficas, se deslocam naquela *linha* no sentido da vertical, ao contrário das outras actividades baseadas no racional, na *dianóia*, que se mantêm na horizontal sem nunca alcançarem uma verdadeira sabedoria.

Só a Arte e a Dialéctica estão em condições de atingir o ponto mais alto da sabedoria humana. Por isso ao olharmos para as *Obras de Arte* que nos deixaram os nossos antepassados, mesmo os mais longínquos, constatamos que na sua beleza atingiram o ponto mais alto da sabedoria humana. Por isso, em Arte parece não haver evolução, mas este parecer, como aparência que é, é apenas sensível, não ultrapassa o nível da opinião da maioria, do senso comum. De facto, havendo evolução em Arte, como em todas as actividades humanas, só ela, a Arte, como a Dialéctica (a *ciência dialéctica* de Platão), estão em condições de, em qualquer época da história humana, alcançar o expoente máximo da sabedoria humana, e por isso se torna sempre actual, e enquanto o homem for homem, permanece no expoente máximo alcançável pela humanidade. Por isso as obras de Platão que constituem um *exercício da dialéctica*, permanecem também eternamente actuais como *Hípias*, ou *Íon*, ou o terceiro discurso sobre o Amor, no *Fedro*, o discurso (de Platão) atribuído por Sócrates a Estesícoro, pois são *discursos vivos*. Por isso se pode dizer que são ao mesmo tempo *Obras de Arte*, porque uma obra de Arte (mas *Arte de veras*), é também um *exercício da dialéctica*.